

## TRABALHO

**Rendimentos** Salários baixos obrigam milhares de portugueses a acumular trabalhos para conseguir pagar as contas e sobreviver

# 300 MIL

## têm dois empregos



### Adultos jovens em maioria

Texto **JOANA PEREIRA BASTOS**  
Ilustração **JOSÉ CARLOS FERNANDES**

Trabalham quase de sol a sol, sem direito a pausas ou a descanso. Ao final da tarde, em passo apressado, saem do emprego para entrar noutra. Transformam o dia ou a semana numa

longa, quase contínua, jornada de trabalho. Segundo o Instituto Nacional de Estatística (INE), no ano passado, 296 mil portugueses acumulavam dois ou mais empregos. Para esticarem o dinheiro e conseguirem sobreviver.

A precariedade, o endividamento e, sobretudo, os baixos salários explicam, na grande maioria dos casos, a necessidade de recorrer ao duplo emprego. Os dados do INE tornam evidente a diferença entre os rendimentos e os gastos dos portugueses e mostram as contas impossíveis com que muitos se confrontam no final do mês: o salário líquido médio fica-se pelos 778 euros, enquanto as despesas mensais de um adulto sem filhos chegam, em média, aos 1018 euros. Não são precisos muitos cálculos para concluir que, para muitos, um só ordenado está longe de chegar.

Marinus Pires de Lima, especialista em Sociologia do Trabalho e investigador do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, constata que o perfil dos portugueses com duplo emprego tem vindo a mudar. "Há uns anos, estava mais associado a pessoas

com muito baixas qualificações, como as empregadas de limpeza, por exemplo. Hoje os jovens estão em maioria e há muitos licenciados e até com pós-graduações e mestrados obrigados a acumular trabalhos", diz.

Com vínculos precários e ordenados baixos, não restam aos jovens muitas alternativas. "Ou vivem em casa dos pais até bastante tarde ou a única possibilidade que têm de ter uma vida autónoma é aceitarem mais de um emprego. Às vezes dois ou três", explica.

Na enfermagem, por exemplo, a percentagem de jovens com duplo emprego é elevada, revela a bastonária da Or-

dem, Maria Augusta Sousa, ressaltando, porém, não ter valores concretos. "Na Função Pública, um jovem enfermeiro não ganha mais de 700 ou 800 euros limpos, o que não dá para viver, tendo de pagar casa numa cidade como Lisboa. Ter mais de um trabalho é a única solução", diz.

Ainda assim, os números do duplo emprego, na enfermagem como nos restantes sectores, já foram mais altos. Em 2008, por exemplo, mais de 339 mil portugueses estavam nesta situação. Com o agravamento das condições de vida, é natural que agora até haja mais gente a precisar, mas a crise redu-

ziu as ofertas de trabalho (ver entrevista na página ao lado). Com ela, muitos ficaram sem o balão de oxigénio que só tinham conseguido graças a um segundo ordenado.

#### Consequências para a saúde

Independentemente da atual conjuntura, que provocou uma ligeira diminuição nos números, o problema é que o duplo emprego "é fomentado pelo próprio modelo de desenvolvimento económico em que assenta o país", critica Arménio Carlos, da comissão executiva da CGTP. "As 40 horas de trabalho se-

manais foram uma das mais importantes conquistas dos trabalhadores, que agora está claramente a perder-se por causa da precariedade e da política de baixos salários. Do ponto de vista civilizacional é um grande retrocesso", diz.

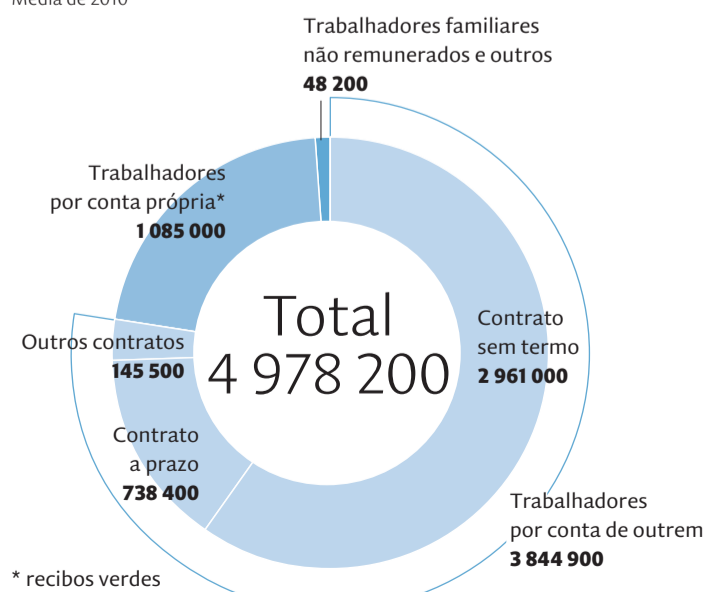
Além de comprometer a qualidade do trabalho, o esforço associado ao duplo emprego e o excesso de horas podem trazer graves consequências a médio prazo, alerta o sindicalista: "A falta de descanso, o stresse e o pouco tempo para a família geram desequilíbrios a nível físico, a nível psicológico e também a nível social, com a degradação ou o adiamento das relações familiares. O aumento das depressões, das doenças profissionais e de outras causadas ou agravadas pelo stresse vai pesar nos cofres do Estado."

A presidente da Sociedade Portuguesa de Medicina do Trabalho, Ema Resende, ressalva que os efeitos na saúde dependem de vários fatores, como o tipo de ocupação profissional, a idade do trabalhador e a pressão que sobre ele é exercida — por exemplo no que diz respeito ao grau de responsabilidade, à necessidade de cumprimento de prazos e à relação com as chefias. Ainda assim, a responsável frisa que a diminuição dos tempos de descanso torna os trabalhadores vulneráveis à fadiga crónica e a alterações imunitárias que fragilizam o organismo. E deixa um aviso: "Acima das 60 horas de trabalho semanais há necessariamente efeitos para a saúde, que se podem manifestar só a médio ou longo prazos." E é toda a sociedade que vai pagar, acrescenta a CGTP.

jbastos@expresso.impresa.pt

#### POPULAÇÃO EMPREGADA POR TIPO DE CONTRATO

Média de 2010



FONTE: INE, ESTATÍSTICAS DO EMPREGO

#### Nº DE PORTUGUESES COM DUPLO EMPREGO EM COMPARAÇÃO COM OS DESEMPREGADOS

Evolução entre 2008 e 2010

